

O ESTRANHAMENTO NA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL¹

Antonino Infranca²

RESUMO: O artigo trata do quarto e último capítulo da segunda parte de *Ontologia do Ser Social*, de György Lukács. O estranhamento é um fenômeno do desenvolvimento do ser social na sociedade humana em geral, independentemente da época histórica, embora cada época tenha a sua própria forma de estranhamento, que é tão complexa como são as complexas relações sociais e humanas dentro de cada sociedade.

Palavras-chave: Lukács. Estranhamento. Marxismo.

O “Estranhamento” é o quarto e último capítulo da segunda parte da *Ontologia do Ser Social* de György Lukács. Os três primeiros capítulos foram dedicados, respectivamente, ao “trabalho”, à “reprodução”, e à “ideologia”. É claro que não é por acaso que o estranhamento aparece como o último capítulo, porque contém em si os três primeiros momentos constitutivos do ser social. Pelo lugar que este conceito ocupa nesta obra, o estranhamento é o culminar de uma longa reflexão lukacsiana sobre a estrutura constitutiva do ser social e, de fato, este capítulo reúne todos os temas discutidos anteriormente, bem como delinea desenvolvimentos da *Ética*, obra que Lukács não teve mais tempo de escrever antes de morrer, deixando-a como um esboço.³

O estranhamento é um fenômeno do desenvolvimento do ser social na sociedade humana em geral, independentemente da época histórica, embora cada época tenha a sua própria forma de estranhamento, que é tão complexa como são as complexas relações sociais e humanas dentro de cada sociedade. Marx foi um dos mais profundos analistas do fenômeno do estranhamento, para quem “todo estranhamento é um fenômeno que tem fundamentos sócio-econômicos, e sem uma mudança drástica na estrutura econômica, nenhuma ação individual pode mudar nada de essencial nesses fundamentos”.⁴ O estranhamento é, portanto, um fenômeno que surge no desenvolvimento econômico e social da sociedade civil pelo qual

¹ Tradução do original em italiano de Claudio Cássio de Rezende.

² Doutor pelo Instituto de Filosofia pela Academia Húngara das Ciências (1989). Formado em Filosofia pela Università degli Studi di Palermo.

³ Cf. Lukács, G. *Versuche zu einer Ethik*, a cura di Gy. Mezei, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1994, pp. 245.

⁴ *Idem*, p. 612.

os homens são privados ou o resultado de sua produção (objetivação) ou processos de produção (a alienação do e no trabalho). O afastamento é também uma forma de exclusão, que o ser social sofre, desde o controle da reprodução social e próprio ser do indivíduo. O trabalho é o momento em que o homem objetiva, torna objeto o seu próprio momento ideal, a idéia de um objeto que tem o primeiro lugar em sua mente como uma meta a atingir, e, em seguida, através de um exame sobre os meios naturais que poderiam permitir a realização dessa idéia, ele realiza algo. Lukács chamou em alemão *Objektivierung* esse processo de objetivação do momento ideal.⁵ Dentro das relações capitalistas de produção, porém, a força de trabalho é vendida como qualquer mercadoria. A força de trabalho, ou, para colocá-la nos mais precisos termos marxianos, a capacidade de trabalho (*Arbeitsvermögen*) não é separável do corpo do trabalhador; por isso aqueles que compram a força de trabalho, o capitalista, acaba por controlar todo o corpo do trabalhador durante determinados períodos (tempo de trabalho) e até mesmo os gestos deste corpo, como se o corpo do trabalhador fosse um elemento estranho ao trabalhador. Lukács chama em alemão *Entäußerung* este processo de alienação do próprio trabalhador, enquanto chama *Entfremdung* de estranhamento. No sistema capitalista mais avançado se controla também as necessidades corporais e espirituais do trabalhador, de modo a controlar também as causas que levam o trabalhador a vender sua força de trabalho em troca de um salário que lhe permite satisfazer essas necessidades. Operando sobre estas necessidades, acaba-se, enfim, controlando a personalidade do trabalhador. Não Lukács não entra na análise filológica dos termos que usa, mas é oportuno verificar algumas interessantes genealogias filológicas de alienação e estranhamento. Desde o sânscrito antigo, a alienação é um termo com uma conotação negativa, de fato “alienação” é *vīrāktī* que significa “indiferença aos objetos materiais”, “insatisfação” e é uma consequência da alienação a própria indiferença para com o trabalhador diante de seu corpo, que é a matéria do seu ser, e a genérica insatisfação diante de seu próprio estilo de vida, que é a espiritualidade do seu ser. Marx comentara sobre esta indiferença e insatisfação, observando que “o homem (o operário) se sente livre apenas em suas funções animais, tais como comer, beber, procriar, e, no máximo, diante de habitar numa casa ou se vestir; e ainda que se sente nada mais do que um animal em suas funções humanas. De sorte que o que é animal se torna humano e o que é humano se torna animal. Certamente comer, beber e procriar são também funções genuinamente humanas. Porém na abstração que as separa da esfera restante da

⁵ "Na realidade, os dois momentos são inseparáveis: cada movimento e cada reflexão durante (ou antes) o trabalho está dirigido em primeiro lugar para uma objetivação, ou seja, uma transformação teleologicamente adequada do objeto de trabalho" (G. Lukács, *ontologia estar social*, por A. Scarponi, Roma, Editori Riuniti, 1981, vol. II, IV / 1, p. 563).

atividade humana, e faz delas finalidades últimas e exclusivas, são funções animais”⁶ Este é o sentido de estranhamento para Marx, a redução do homem ao animal; diria Lukács conquistar a genericidade para si da genericidade em-si, ou seja, evitar o retrocesso do desenvolvimento do gênero humano já no exemplar do ser humano.

A palavra alemã Entäusserung (alienação) é composta por äusser, que significa “outro” e pelo sufixo “ung”, que indica sempre uma ação, mas é precedida pelo prefixo Ent, que indica uma negação, uma decadência. O alemão äusser traduz o termo grego ἄλλος cujo termo latino alienus resulta “alienação”. Entfremdung, por sua vez, é formada a partir de fremd “externa” e o uso do prefixo Ent indica a direção de alteração ou declinação de estranhamento. Existe, portanto, uma diferença em relação ao outro, o que pode ser entendido como a ausência de um estado inicial autêntico. Também é interessante notar que um outro termo em sânscrito de “alienação” é vīdākṣūṣkārāṇṇ que significa que “ser hostil”, mas se trata de uma palavra composta por vīdākṣūṣ que significa “morto” ou “sem olhos”, enquanto kārāṇṇ significa “causa do ser” como se dissesse que a alienação é “causa de perda de visão”. Outros termos sânscritos são ainda mais esclarecedores: vikṛtī significa “mudança”, “modificação”, “troca”, “doença” e é inegável que a alienação é uma forma de modificação doente dos seres humanos, de modo que podemos dizer que, do ponto de vista psicológico, a alienação é uma forma de doença mental, tal qual a depressão. Ainda “modificação” ou “indisposição” ou “deformidade”, mas também “rebelião” são indicados pelo termo vikriya. A “falta” ou “ausência” em sânscrito é vīraha, o que também significa “separação”. Agostinho de Hipona apresenta na “ausência” da perfeição o elemento da diferença ontológica insuperável entre o homem e deus, porque o homem, este sendo feito de carne, de matéria, está longe da perfeição divina. Há em Agostinho, portanto, um modo de ser perfeito, não material, a partir do qual a criatura declina, porque se separa da perfeição de deus e cai no mundo material. Esse modo de ser será reapropriado após a morte, quando se é liberado do corpo material. É uma maneira de projetar a emancipação do estranhamento, mas não em uma dimensão mundana, e sim numa situação política e economicamente aceitável para o sistema então dominante. Em seguida, o estranhamento nasce do trabalho e Lukács pensa em separar os momentos constitutivos distintos da objetivação e da alienação. Marx não operou uma separação radical, mas apenas uma variação lingüística, sobretudo, porque era natural para ele que o objeto era outro a partir da idéia original. Hegel, por sua vez, usando o termo Entäusserung indicaria que a idéia de objetivação afastou-se do seu estado original de pureza

⁶ K. Marx, Manoscritti economico-filosofici del 1844, prefazione e traduzione di Norberto Bobbio, Einaudi, Torino 1975, p. 75.

para entrar no mundo material. Lukács manteve esta separação conceitual, recuperando a objetivação hegeliana⁷, mas acrescentando um importante momento social: “Todo ato deste tipo [objetivação], no entanto, é ao mesmo tempo um ato de alienação do sujeito humano. Marx descreveu com precisão esta duplicidade de lados do trabalho, e que são confortados pela legitimidade da nossa operação de fixar também no plano terminológico a existência desses dois lados nos atos enquanto unidade.⁸ Então Lukács ao usar dois conceitos diferentes não esquece a natureza unitária do processo e não considera a alienação em termos positivos, mas ambos conceitos alienação e estranhamento são dois fenômenos negativos. Quando se fala de alienação ou estranhamento na Ontologia é oportuno o confronto com o que o próprio Lukács escreveu no seu anterior e célebre trabalho História e consciência de classe. A concepção lukacsiana do estranhamento parece uma continuação do que enunciou quarenta anos antes, pela primeira vez nesta outra obra: “Se levarmos em conta não apenas atos individuais de trabalho, mas também a divisão social do trabalho que flui a partir dele, é claro que isso também é um momento importante da sua gênese”⁹ [da personalidade]. A divisão social do trabalho pode afetar o desenvolvimento da personalidade humana e a própria divisão social do trabalho esteve no centro das reflexões de História e Consciência de Classe. Cada momento do estranhamento deve abranger também a divisão social do trabalho, bem como a alienação inerente ao processo de trabalho. Mas a divisão social do trabalho pode colocar o ser social frente a uma contradição entre o desenvolvimento das capacidades humanas e o da personalidade. Claro que a análise do estranhamento na Ontologia diz respeito ao complexo do ser social e não apenas ao momento original no ato laboral dentro da fábrica. As análises da parcelizações do trabalho, a divisão social do trabalho, estão implicadas na reflexão ontológica do estranhamento, sem as quais Lukács não poderia abordar a questão do estranhamento. Limito-me a fazer presente alguns pontos de consonância entre as duas obras a propósito da análise da burocracia.¹⁰ Numa passagem do capítulo sobre estranhamento encontramos uma síntese de alguns conceitos típicos de História e Consciência de Classe e também noutra obra-prima de Lukács, a Estética: “Que a esta altura para nós o aspecto mais importante deste tipo de concepção é o destaque reificante do homem todo, como ele é, do ponto de vista físico e social, da parte da consciência que se

⁷ “Enquanto os objetos da natureza, como tal, tem um ser-em-si e seu devir por nós é adquirido pelo sujeito humano por meio do trabalho cognitivo (...), a objetivação imprime um modo direto e matéria do ser para-si na existência material das objetivações.” (G. Lukács, *Ontologia*, IV/1, p. 564).

⁸ *Idem*.

⁹ G. Lukács, *Ontologia*, IV/1, cit., p. 569.

¹⁰ Cfr. *Idem*, IV/2, p. 760. Interessante nesta página é o paralelo que Lukács conduz entre a “dedicação” dos burocratas e dos jovens por uma causa. No caso dos burocratas no funcionamento de seu ofício, no caso dos jovens diz respeito aos movimentos políticos estudantis.

eleva para além das particularidades”¹¹. A reificação, da qual tem amplamente falado em *História e Consciência de Classe*, é uma forma de estranhamento que rompe a harmonia do homem inteiro, que é um dos objetivos de emancipação humana que Lukács indicou na *Estética*. Na *Ontologia*, Lukács não retorna o conceito de homem inteiro, porque ele tem demonstrado amplamente a estrutura e função do objetivo de alcançar a emancipação e libertação do homem. Ao contrário, ele retorna ao tema da reificação, um dos mais característicos de *História e Consciência de Classe*. O estranhamento na *Ontologia* valida a definição que ele deu em 1923: “Uma relação entre pessoas recebem o caráter de coisidade e, em seguida, uma 'objetividade especial' que esconde em si uma legalidade autônoma, rigorosa, aparentemente conclusa e racional, todos os vestígios de sua essência fundamental: uma relação entre homens”¹². Na *Ontologia*, no entanto, a reificação pode assumir caracteres mais complexos, por exemplo o ser-para-nós dos objetos, seu vir-a-ser-uso ou o seu valor em uso, é concebida como um vir-consumado que é outro aspecto do seu valor em uso. O valor de uso tem a função de guia no processo de objetivação do sujeito que trabalha e também de relacionamento com o consumidor, mas esse elemento de relação, dentro das relações sociais estranhadas, onde o consumo domina a produção, torna-se um elemento reificante. O homem inteiro está em um relacionamento com outro homem inteiro por meio de um ser-para-nós, o valor de uso objetificado, algo que faz com que se relacionem. O que se torna dominante não é mais o uso, mas o valor, preço ou melhor dito, a coisa que liga o produtor com o consumidor. Em *História e Consciência de Classe*, onde Lukács analisou mais profundamente o processo de produção, o caráter reificante das mercadorias - entidade onde reside, por sua vez, o valor - era vista a estender aos seres humanos que trabalhavam e que foram forçados a vender a sua força de trabalho como uma mercadoria, e a reificação se infiltrava no ser social. Mas essa transformação da reificação na auto-reificação não desaparece nem mesmo na *Ontologia*.¹³ Na verdade, se o consumo de uma mercadoria conduz a uma satisfação de uma necessidade natural, em seguida, a mercadoria é a instrumento para o retraimento da barreira natural quando se satisfaz tal necessidade natural. A independência dos objetos naturais para o assunto será refletido na consciência humano, e essa independência também dependerá da independência de objetos sociais, da mercadoria, que satisfazem suas necessidades naturais. O homem inteiro vai se sentir, neste momento, “inocente” diante da reificação que a mercadoria, dentro da sociedade capitalista, sempre carrega em si mesma. A reificação

¹¹ *Idem*, IV/1, p. 580.

¹² G. Lukács, “La reificazione e la coscienza del proletariato” in G. L., *Storia e coscienza di classe*, tr. it. G. Piana, Milano, Sugarco, 1978, § 1, p. 108.

¹³ Cfr. G. Lukács, *Ontologia*, IV/2, p. 647.

estranhada entra na estrutura do ser do sujeito que vive na sociedade capitalista. Naturalmente, a reificação, bem como o estranhamento, tem formas diferentes dependendo das formas econômicas da sociedade civil e todas as formas de reificação são substituídas por uma forma mais desenvolvida e avançada de reificação neste curso. O contraste entre estranhamento e emancipação é dialético: “Cada passo em direção à emancipação é para o homem um passo que o conduz à sua própria particularidade, fisiológico-social imediatamente dada, enquanto todas as forças sócio-humanas subjetivas e objetivas que o prendem são, ao mesmo tempo, forças que impelem ao estranhamento”¹⁴. A saída do reificação estranhada não é mais detectável nas ações simples de homens dentro da sociedade capitalista, pois requer uma manobra de consciência e um ato de vontade emancipador e libertador, que no campo da Ética e Política, estamos vendo delinear as tendências fundamentais de uma sociedade verdadeiramente socialista. Um ponto indispensável da emancipação é obviamente a ação de consciência. Na Ontologia, Lukács indica o ponto de ligação entre estranhamento e reificação na própria consciência: “Essa base é, como sempre, a vida cotidiana numa época de manipulação. Aqui vêm em discurso exclusivamente aqueles momentos que ajudam a introduzir no homem a reificação da consciência, e mediada por essa, o estranhamento”¹⁵. Sabe-se que em *História e Consciência de Classe*, a consciência de classe era vista como um meio para a separação da reificação e do estranhamento, já na *Ontologia*, a consciência é o momento inicial da emancipação da reificação e do estranhamento, mas permanece sempre com a mesma estrutura lógica da sua obra de 1923.

Tanto em *História e Consciência de classe* como na *Ontologia* está claro que Lukács considera a alienação um fenômeno ligado à atividade produtiva, e portanto, laboral, enquanto “pode ser formulado como: o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente também o desenvolvimento de capacidades humanas, mas - e aqui surge plasticamente o problema do estranhamento - o desenvolvimento da capacidade humana não é produz obrigatoriamente a personalidade humana. Pelo contrário: por melhorar suas habilidades individuais pode desfigurar, rebaixar, etc. a personalidade humana”.¹⁶ O estranhamento tem como condição indispensável para a sua aparição e sua ausência o controle de parte dos homens do processo da reprodução social. . A causa de sua ausência no controle do desenvolvimento sócio-econômico se volta sobre a personalidade do ser social. Este retornar ocorre por meio da reificação auto-estranhada, como no exemplo do campo

¹⁴ *Idem*, IV/3, p. 774.

¹⁵ *Idem*, IV/2, p. 702.

¹⁶ *Idem*, IV/1, cit., p. 562.

religioso, a separação entre alma e corpo e a consideração do corpo como prisão da alma.¹⁷ O que leva a uma cadeia de reificação cada vez mais estranhante, fazendo mais e mais eficaz o controle da religião sobre a personalidade social. Esta cadeia de reificações pode deixar o campo da religião e mudar para outras formas de ideologização, como a ciência, e ainda manter a sua capacidade de aparecer ao ser social como modos de ser.

Lukács fala de personalidade, mas, *de facto*, refere-se à subjetividade, tratando da substância humana, porque sujeito e substância são provenientes respectivamente de dois termos que são sinônimos entre eles: o sujeito como *sub jectum*, que significa “jogado sob”, e substância como *sub stantia*, que significa “o que está abaixo”, indicando em forma diversa mas como sinônimos “qual é seu fundamento”. Na história da filosofia, o sujeito assumiu particular importância para Descartes, enquanto a substância para Spinoza era a dimensão fundamental da realidade mundana. Lukács indica este sujeito com o termo da personalidade (*Persönlichkeit*), advinda do latim que significa “máscara”. Mas com este termo *Persönlichkeit* entramos em um campo da ética que de fato são numerosos no capítulo sobre Estranhamento, reclamando à futura Ética, que Lukács não pôde escrever devido à sua morte. O sujeito é o portador de um comportamento adequado à própria personalidade, que é o que o faz compreender e conceber a si mesmo. A personalidade depende das escolhas e das ações, ditadas ou dadas pela generidade, que é um pertencimento do gênero (*Gattungsmässigkeit*, um termo que Lukács recupera de Marx) na particularidade, que seria a singularidade do ser social. A generidade revela a nossa substância humana e racional, enquanto a particularidade é a esfera de nossa subjetividade individual. Naturalmente, a nossa generidade-em-si tende a passar a uma generidade-para-si que é o momento da subjetividade mais madura e consciente, que aquela que opera em circunstâncias muitas vezes independentes da vontade do indivíduo, mas que é também um momento constitutivo do indivíduo (*in-dividuum*, isto é, “indivisível”), ou seja, a unidade indivisa e indivisível do social e do particular, do universal e do singular.

“Cada estranhamento, apesar de ter nascido nesta base, no entanto, é antes de tudo um fenômeno ideológico, cujos efeitos reverberam de muitos lados e firmemente em cada indivíduo investido por ele, que a superação subjetiva pode ocorrer somente na prática como ato do indivíduo isolado”.¹⁸ A ideologia é uma das formas de maior estranhamento, ou desvio, de um correto desenvolvimento da generidade-em-si à generidade-para-si. E Lukács vê na religião a forma de ideologia mais alienante e eficaz, porque a religião é o modelo

¹⁷ Cfr. *Idem*, IV/2, p. 657.

¹⁸ G. Lukács, *Ontologia*, cit., IV/1, p. 612.

teórico de todas as formas de estranhamento ideológico, a partir do cancelamento do indivíduo diante das divindades, diante dos quais recebe valores morais e éticos. É necessário emancipar-se deste vício de voltar ao ser um sujeito e uma substância da própria vida e dos próprios valores. Para Lukács, a interpretação de Marx acerca da crítica de Feuerbach sobre a religião é a base teórica da crítica a todas as formas de estranhamento. “A tese feuerbachiana segundo a qual não é a religião que faz o homem, mas é o homem que faz a religião, é complementada por Marx estendendo o estranhamento religioso e seu desvelamento teórico ao complexo geral dos problemas político-sociais da história da humanidade”¹⁹. Com esta afirmação se permite compreender o motivo pelo qual o estranhamento religioso assume tanta centralidade na análise do estranhamento na Ontologia.

O estranhamento religioso ou ideológico é um estranhamento concreto²⁰, porque são sempre estranhamentos resultantes da experiência do ser social, experiência direta do sujeito e, embora eles têm um caráter teórico ou espiritual, são experiências concretas do ser humano, porque são passados na vida cotidiana. Não é coincidência que a religião cristã sempre colocou o controle da sexualidade ou do corpo no centro da sua ética, o que também acontece com o islamismo e o judaísmo. E o corpo é a coisa mais concreta que o homem pode perceber ou conceber. O controle do corpo abre o controle religioso da vida cotidiana e do trabalho. Uma concepção econômica do cristianismo é facilmente detectável em seus preceitos e seus dogmas. A crise religiosa da época contemporânea abriu o caminho para novas formas de estranhamento religioso, que muitas vezes manter uma estrutura religiosa, ainda que mascarada. Este é o caso do positivismo lógico, que para Lukács é uma das formas mais sofisticadas de manipulação da verdade, porque substitui a realidade concreta por uma simbolização dela. Toda ciência precisa de símbolos para operar, embora na parte inferior de sua ação há um retorno à realidade concreta e material, mesmo no caso da matemática que usa símbolos como descritores da realidade, enquanto no neopositivismo o símbolo substitui a realidade. Com o positivismo lógico a manipulação da realidade é um fim em si mesmo e a realidade é transformada em um universo simbólico, que é a verdade da realidade. Por esta razão Lukács considera o neopositivismo uma forma de teologia moderna.²¹

¹⁹ *Idem*, IV/2, p. 621.

²⁰ “No ser social como estranhamento completo” (*Idem*, IV/1, p. 612-3).

²¹ “É provável que um historiador do futuro irá anexar, por exemplo, em Carnap um significado teórico para a ideologia religiosa desta época, semelhante ao que tivemos, digamos, Thomas Aquinas para a Idade Média. [...] Para Teilhard de Chardin o neopositivismo significa liberdade para projetar na natureza qualquer conexão arbitrário que paira como um apoio fantástico para as suas intenções apologéticas, controlando as expressões de uma forma científica, e não como uma ciência natural, e perseguir a aparência de uma ciência exata” (*Idem*, IV / 2, p. 700).

O neopositivismo é também uma forma de aparente desideologização: “Temos alertado que a palavra de ordem ideológica central de nosso tempo é a chamada desideologização. Ela nasce como uma generalização social do neopositivismo: porque, de acordo com esta última cientifização, a manipulação científica dos fatos tem apagado do dicionário das pessoas cultas todas as demandas concernentes à realidade, porque, obviamente, nem mesmo na vida social, segundo tal doutrina, podem haver conflitos reais que são combatidos em termos ideológicos”.²² O neopositivismo cobre com cientificidade a realidade concreta, constrói o mundo - como Carnap diz em sua primeira grande obra *A Construção Lógica do Mundo* - induzindo ao abandono da ideologia e faz dela uma desideologização, uma nova e mais potente forma de ideologização. A cientificidade é substituída da compreensão científica da realidade. Nos anos seguintes, o neopositivismo assumirá desconstrutivismo pós-moderno, simbolização que dá lugar à interpretação que se sobrepõe à realidade com o objetivo de mascarar-la em vez de expô-la. Trata-se de uma forma de reificação que irá substituir outras mais elevadas formas de estranhamentos: nos últimos meses os filósofos europeus redescobriram o realismo, que é uma das raízes mais férteis da filosofia ocidental, pode-se esperar um retorno do interesse por Marx ou Lukács, típicos pensadores realistas.

Para Lukács, obviamente, o marxismo tem primado pela luta contra o estranhamento desde seu método: “o fundamento teórico desta operação não pode ser um verdadeiro retorno ao marxismo, mas talvez a recuperação da nova vida de seu inatacável método, que que é capaz de render o que é relevante novamente diante da oportunidade de conhecer com mais profundidade a verdade dos processos sociais do passado e do presente”²³. Outro ponto de continuidade entre a História e Consciência de Classe e a Ontologia. O ponto de maior inovação do marxismo de Lukács na Ontologia são as referências contínuas à Ética, projetadas e nunca escritas, e as referências a esses ideais e momentos éticos, ainda que

²² *Idem*, IV/2, p. 696. Sartre não usa este termo, mas despolitização, como um fenômeno de mesma origem. “Tem se visto na França uma diminuição da urgência da necessidade e se pode pensar que isso se deve ao comportamento de despolitização do trabalhador”, e ainda “Um dos principais fatores da despolitização é o sentimento de impotência e isolamento” (J.-P. Sartre, “L’alibi”, *Le Nouvel Observateur*, 19/11/1964; ora in J.-P. S., *Situations VIII*, Paris, Gallimard, 1972, pp. 140 e 141). Impotenza e isolamento che sono sintomi tipici dell’estraniamento e della depressione.

²³ *Idem*, IV/2, p. 705. Neste mesmo ano Sartre reconhecerá que “Marx [...] explicou como os teóricos originados das classes médias poderiam se tornar aliados da classe operária, porque os seus problemas, como homens de cultura, sábios, membros das profissões liberais, eram também problemas de alienação. Se isso era verdade na época de Marx, é ainda mais verdadeiro hoje, quando os alunos descobrem que eles são tratados como objetos durante os seus anos de estudo por ser igualmente tratados como objetos quando eles retornam a seus quadros. Em seguida, eles percebem que têm roubado vossos trabalhos, como eles roubaram os operários.” (J.-P. Sartre, “L’idée neuve de mai 1968”, in J.-P. Sartre, cit., p. 202-3). Hoje os jovens não roubam nem mesmo o nosso trabalho, são tratados como objetos de lixo: sem emprego, sem estudo e, portanto, até mesmo sem futuro.

sentimentais, que realizam uma função de início ou sustento à ação emancipatória “pelos afetos que movem os homens em suas necessidades religiosas, como o medo e a esperança sobre os resultados de um único ator ou sobre as suas correntes, ou seja, sobre a totalidade da vida”²⁴. Se a esperança e medo são sentimentos que sustentam a necessidade religiosa, podemos pensar, com base em Bloch, que pelo menos a esperança sustenta a luta por um mundo melhor. E pela esperança, ou melhor, pelos afetos, como ensinado por Spinoza, derivamos os elementos fundamentais para a ética. Naturalmente, uma tal concepção do gênero encontra forte oposição dentro do que resta do marxismo, que em grandes setores fez a recusa da ética um dos pilares fundamentais do marxismo. Se você refletir, no entanto, sobre as motivações destes marxistas, há um personagem marcante do estranhamento e da reificação de seu marxismo. O pensamento do partido como um sujeito ativo da luta de libertação, esquecendo-se de que o marxismo teve que ser posteriormente libertado pelo Partido, é um fenômeno flagrante de reificação. Isto é demonstrado por Lukács nos últimos anos de sua vida, imediatamente depois de terminar o escrito da Ontologia, que escreveu alguns ensaios sobre teoria política, que não dava nenhum posto relevante ao partido, na verdade, incitando as pessoas, os seres sociais, a subverter a ordem social onde o partido fosse o elemento dominante.²⁵ Outros aspectos da reificação do marxismo pós-Revolução de Outubro, o marxismo é o sectarismo ou vanguardismo em que costumavam se fechar os marxistas, fascinados pela sua pureza ideológica, mas em alguns casos isso terminou em terrorismo, a negação flagrante da ética, a melhor ação para estimular e provocar a repressão do sistema dominante. Uma decisão ética não só nega o terrorismo, mas estende-se a camadas de massas cada vez mais amplas de homens a possível proposta de uma emancipação do estranhamento e de sua libertação. Este alargamento é o objetivo de Marx ou de Gramsci, o que estendemos a Lukács, dois autores autenticamente marxistas e revolucionários. Sectarismo e vanguardismo só traz isolamento - elemento típico do estranhamento como visto acima - privilegiando uma pequena elite, embrião de uma futura casta dominante como foi demonstrado pela experiência de stalinismo. Além disso, se o vanguardismo e o sectarismo teve um papel positivo na Revolução de Outubro, como sempre se diz; pensar nestes termos é um sinal de esquematismo mental, de um nivelamento por baixo do conhecimento empírico da história. O isolamento das massas é ele próprio um dos pontos mais críticos de Lukács nos confrontos do regime kádár húngaro e é também uma das características dos partidos

²⁴ *Idem*, IV/2, p. 711.

²⁵ Refiro-me a *Demokratisierung heute und morgen* (em italiano possui o título *L'uomo e la democrazia*) seu magnífico *Testamento politico*.

comunistas no socialismo realmente existente, ou seja, a incapacidade de livrar o estranhamento das massas das massas, em que estes regimes acabou se recrudescendo. A saída do estado de estranhamento só poderia ser através de uma subversão das estruturas econômicas existentes. Isso aconteceu em novembro de 1989, mas muito em breve outras formas de estranhamentos, os existentes na Europa Ocidental, ou seja, o estranhamento capitalista, tomou conta da Hungria pós-comunista e seu triste destino de cair no vazio dos estranhamentos continua hoje, quando os fantasmas do passado nazista voltaram ao poder político do país. O regime húngaro neonazista de Orban ainda não encontrou estruturas econômicas, mas não há dúvida de que a sua permanência no poder político, no meio da crise econômica global, acabará por construir as estruturas econômicas em detrimento das pessoas que vivem do trabalho. É claro que Lukács não indica todos os meios pelos quais você pode obter a emancipação e a libertação dos estranhamentos, mas recorda algumas linhas fundamentais de tendência emancipatória: “O indivíduo pode elevar sua particularidade apenas quando os atos que compõem sua vida, independentemente do grau de sua consciência ou a exatidão desta, coagula a orientação para uma ingestão entre o indivíduo e a sociedade que tem em si elementos e tendências da generidade para-si, cujas possibilidades de superação de contradição estejam postas, com a generidade em-si, de qual momento podemos ver via livre para sua escala social mediante uma personalidade de novo tipo.”²⁶ A emancipação e a libertação passam da luta do indivíduo contra o seu próprio estranhamento, mas deve encontrar uma sequência na ação coletiva para subverter as estruturas econômicas estranhantes. A ação do indivíduo deve se tornar a ação social, deve encontrar um terreno comum na qual suas ações radicais subvertem, retomando sentido, isto é, em direção a um desenvolvimento que em outras palavras hoje podemos dizer de modo imediato e dramático como "dignidade", "vida digna", "futuro". Para Lukacs da Ontologia uma esperança de libertação da alienação veio do movimento estudantil em aliança com os trabalhadores nos anos sessenta. Hoje é os protestos dos indignados que está mostrando sua passagem do protesto particular para o protesto social. A tendência para tornar-se mais uma vez os protagonistas de sua vida cotidiana é mais forte e mais forte são os valores morais que inspiram a luta pela emancipação, a fim de evitar cair na armadilha do terrorismo sectário que seria muito conveniente para as estratégias repressivas do poder. Estamos ainda na fase de estar no espaço público, mas essa ocupação do espaço está mostrando que os valores éticos do movimento dos indignados são inspirados na emancipação do estranhamento e por isso são o consentimento das massas. O consenso obtido é o motivo pelo qual a vanguarda e o

²⁶ *Idem*, IV/2, p. 716.

sistema dominante fazem acordo na repressão. No ambiente intelectual temos que participar deste movimento emaciopatório dos indignados. Manuel Castells não perdeu tempo, e em maio de 2011, foi na Praça Catalunya em Barcelona para falar com os jovens indignados, então brutalmente reprimidos pela brutal e étnica polícia catalã.²⁷ Eu não acho que Castells conhece a Ontologia de Lukács, ainda que nesta obra encontramos um convite que está totalmente em harmonia com o gesto de Castells: "Dando a volta às expressões usadas de forma errada para seu sentido perdido, que é o único autêntico e real, também é, portanto, uma tarefa ideológica da mesma forma que a mudança radical dos palavras de ordem que norteiam a prática, de modo que este processo exige no próprio campo da produtividade intelectual ideológica uma receptividade genuína e catártica, isto é, produtora de transformações, muito mais elevada que uma normal troca ideológica no quadro da sociedade burguesa".²⁸ A tarefa de intelectuais e de artistas²⁹ é restaurar significado às palavras, para produzir ideologicamente transformações com base nestes sentidos encontrados, elevar o sentido dessas palavras a uma dignidade superior àquela que temos até então. O espaço para este senso de descoberta não é mais o escritório do intelectual, mas o é tornar a ser a praça onde nasceu a democracia e onde se espera um futuro melhor.

RECEBIDO EM 07-09-2017

APROVADO EM 09-03-2018

²⁷ Digo étnica porque na Catalunha qualquer protesto que não se catalão, não tem valor.

²⁸ *Idem*, IV/3, p. 765.

²⁹ "A obra de arte, contudo, quando é obra de arte, é uma luta permanente e imanente contra os estranhamentos." (*Idem*, IV/1, p. 595).